

*Redesenhando o desenho:
educadores, política e história*
de Ana Mae Barbosa

São Paulo: Cortez, 2015. 453 p.

Régia Vidal dos Santos

Mestranda no Programa de Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE) da Universidade Nove de Julho (Uninove). Gestora de cursos na área de Educação Especial na Escola de Formação e Aperfeiçoamento de Professores (EFAP), São Paulo, SP – Brasil
regiavs@gmail.com

A longa trajetória de Ana Mae Barbosa no universo da Arte-Educação revela seu aprendizado com Paulo Freire e Noemia Varela acerca da necessidade de leitura do mundo e de olhar no outro as potencialidades, assim como seu empenho em conjugar cultura erudita e popular, o conceitual e o político. Em *Redesenhando o desenho: educadores, política e história*, a autora tem como objetivo apresentar um panorama sobre o ensino do Desenho e das Artes Visuais entre os anos de 1920 e 1950, por meio de artigos e notícias dos jornais, os quais estão transcritos na obra, alguns parcialmente, outros na íntegra, de modo a proporcionar, também, ao leitor a oportunidade de interpretar esses documentos.

Barbosa discorre, em “Contexto e sistematização”, sobre fatos e personagens que prepararam o modernismo no ensino do Desenho e estimularam a educação visual no Brasil e na América Latina; menciona a participação dos intelectuais e a contribuição das universidades na reformulação da educação e do desenho na Virada Modernista, assim como cita as mudanças que ocorreram a partir da década de 1980, entre elas, a ampliação do conceito de arte, com a incorporação das narrativas femininas, dos valores comunitários e da realidade virtual. A proximidade entre o conceito de mediação cultural – presente nas obras de Paulo Freire – e a proposta de estudar Arte por meio da fruição, contextualização e criação merecem especial atenção.

O livro possui três partes que, somadas a “Contexto e sistematização”, resultam em quatorze capítulos. Na primeira parte dividida em quatro capítulos, Barbosa apresenta um panorama do ensino do Desenho da virada industrial ao início do século vinte. No capítulo “História do Ensino da Arte: tensões e diferenças”, destaca-se tanto o contraponto entre o cunho popular dos planos apresentados pelo chefe da Missão Francesa, Le Breton, para a Escola de Ciências, Artes e Ofícios – criada por decreto em 1816 – e a perspectiva assumida em 1926, quando

foi inaugurada a Academia Imperial de Belas Artes, quanto os “Pareceres sobre a reforma da educação primária e secundária”, de Rui Barbosa, fonte de inspiração do livro *Geometria Popular*, usado em escolas, pelo menos até 1959.

Barbosa, no terceiro capítulo, analisa as transformações culturais decorrentes da primeira guerra mundial; a conexão que se estabelece entre Arte, Filosofia e Psicanálise; o nacionalismo que se instalou na América Latina no ensino da Arte no México, Peru e Brasil; e apresenta o trabalho de alguns artistas, entre eles, Elena Izcue, do Peru, que inter-relacionava a cultura visual peruana com o *art nouveau* e o *art déco* franceses.

O polêmico professor Theodoro Braga nos é apresentado por meio de um relato encadeado de notícias de jornais e revistas, que são inseridos na íntegra no quarto capítulo. A autora afirma que os artigos desse nacionalista serão capazes de encantar a todos, por conta da elegância com que escreve e da forma articulada e entusiasmada com que expõe suas ideias tão apaixonadas acerca do ensino de Desenho livre de cópias. Por fim, leva-nos a pensar sobre a atualidade dos problemas que ele enfrentou e que, até hoje, vigoram em muitas escolas.

A segunda parte do livro apresenta, no sexto capítulo, os debates gerados em torno da reforma educacional de Fernando Azevedo, que contou com a colaboração de Edgar Susseking e de Nerêo Sampaio para renovar e ampliar o ensino do Desenho espontâneo para as crianças. No sétimo capítulo se revela a força intelectual de Cecília Meireles, enquanto incentivadora da reforma educacional de Fernando de Azevedo, da política de boa vizinhança com a América Latina e do uso do cinema na escola. A autora convida o leitor a pensar sobre o ensaio de espontaneidade e liberdade de expressão que presidiu o ensino da Arte, durante a Escola Nova; foi interrompido e só voltaria à tona após a queda do Estado Novo.

No capítulo “As exposições infantis: modernismo e culturalismo”, Barbosa direciona nosso olhar às exposições e coleções de Arte infantil modernista e estabelece relação com as exposições de Arte para crianças que acontecem atualmente. De acordo com a autora, o texto de Herbert Read para introdução ao catálogo da exposição “A arte das crianças britânicas”, que impressionou muitos artistas e aconteceu no Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, entre 1941 e 1942, poderia embasar uma boa reflexão sobre os métodos de ensino de Arte nos dias atuais.

Barbosa apresenta John Dewey (1859-1952) no décimo segundo capítulo, e sugere que, ao ler o texto “Imaginação e expressão”, de Dewey, o leitor substitua a palavra técnica pela palavra tecnologia, por considerar esse um bom exercício para se pensar sobre “as construções da cultura material de hoje e os valores contemporâneos” (p. 387).

A autora finaliza lembrando que Viktor Lowenfeld, para muitos, é consi-

derado o mais influente arte-educador do século vinte, exaltando suas pesquisas sobre criatividade e seu trabalho na Escola de Artes da primeira universidade de afro-americanos e presenteando o leitor com a transcrição da comovente entrevista autobiográfica de Lowenfeld, realizada em 1958 por seus alunos de pós-graduação, na qual o admirado professor revive os sofrimentos e esperanças de quem sobreviveu a duas grandes guerras, os sentimentos de quem teve seus alunos cegos exterminados pelo nazismo, as andanças em busca de emprego e a gratidão para com quem reconheceu seu trabalho.

Trata-se de um texto valioso, pela forma como a autora expõe as raízes sociais e políticas do ensino da Arte e do Desenho nas escolas brasileiras. Leitura fundamental não só para arte-educadores, mas para educadores em geral, estudantes de Pedagogia e de Arte.